

O PAPEL DA FEIRA LIVRE NA FORMAÇÃO DE ITAGI-BA: DE PROPULSORA DA FORMAÇÃO ORGANICISTA DA CIDADE A PATRIMÔNIO IMATERIAL. (SÉC. XIX E XXI)¹

Ana Luisa de Oliveira Hipólito², Ricardo Alexandre Santos de Souza³

RESUMO

Este trabalho analisa a trajetória de formação da cidade de Itagi-BA, entre o século XIX e a década de 1960 (séc.XX), período de sua emancipação política. A pesquisa entende a história local como ferramenta de resistência aos processos de homogeneização cultural, destacando a feira livre como elemento central da constituição urbana. Nesse sentido, mais do que um espaço de comércio, a feira se configurou como ambiente de trocas sociais e culturais, contribuindo para a construção de identidade. Dentre os conceitos mobilizados, destaca-se “homens-memória”, de Pierre Nora (2012), que designa sujeitos guardiões das lembranças que remontam às identidades de um povo, cujas narrativas possibilitam novas interpretações sobre a formação histórica de Itagi. Outro aporte aplicado é o de organicismo, presente em Sérgio Buarque de Holanda e sistematizado por João Kennedy Eugênio (2010), que significa o crescimento de um grupo cultural a partir de suas próprias forças. Além disso, dialogamos com o conceito de povoações, de Azevedo (1957), que se caracteriza por assentamentos modestos, animados sobretudo por festividades religiosas e dias de feira. Metodologicamente, recorreremos à história oral, como forma de integrar perspectivas múltiplas sobre o processo de formação urbana. Diante disso, compreendemos a feira livre de Itagi como patrimônio imaterial, em consonância com Abreu e Chagas (2003), ligado a hábitos, tradições, saberes e práticas culturais que transcendem os bens materiais.

PALAVRAS-CHAVE: Feira-livre, História Local, Itagi, Organicismo, Patrimônio imaterial, Sertões.

HE ROLE OF THE FREE MARKET IN THE FORMATION OF ITAGI-BA: FROM A DRIVER OF THE CITY'S ORGANICIST FORMATION TO INTABIAL HERITAGE. (19TH AND 21ST CENTURIES)

ABSTRACT

This work analyzes the development of the city of Itagi, Bahia, between the 19th century and the 1960s (20th century), the period of its political emancipation. The research understands local history as a tool of resistance to processes of cultural homogenization, highlighting the street market as a central element of the urban constitution. In this sense, more than a space for commerce, the market became an environment for social and cultural exchange, contributing to the construction of identity. Among the concepts mobilized, Pierre Nora's (2012) "memory men" stands out, designating subjects as guardians of memories that trace back to the identities of a people, whose narratives

¹ Pesquisa financiada pela FAPESB - Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia.

² Graduanda em História e bolsista FAPESB.

³ Professor, doutor em História das Ciências, adjunto da UESB, e orientador.

enable new interpretations of Itagi's historical formation. Another contribution applied is that of organicism, present in Sérgio Buarque de Holanda and systematized by João Kennedy Eugênio (2010), which signifies the growth of a cultural group from its own forces. Furthermore, we engage with Azevedo's (1957) concept of povoações, which is characterized by modest settlements, animated primarily by religious festivities and market days. Methodologically, we draw on oral history as a way to integrate multiple perspectives on the process of urban formation. Therefore, we understand the Itagi open-air market as intangible heritage, in line with Abreu and Chagas (2003), linked to habits, traditions, knowledge, and cultural practices that transcend material goods.

KEYWORDS: Backlands, Local History, Intangible Heritage, Itagi, Organicism, Street Market.

INTRODUÇÃO

Em *Meu lugar na história: de onde eu vejo o mundo?* (2010), Flávia Eloisa Caimi destaca a relevância da história local para a construção de identidades e resistência à homogeneização cultural da globalização. Apesar disso, até meados do século XX, pesquisas sobre cidades eram raras e marcadas por produções não acadêmicas. Apenas na década de 1980 o tema ganhou espaço nos programas de pós-graduação. Essa lacuna ainda é evidente na historiografia baiana, o que justifica a proposta de investigar a formação da cidade de Itagi-BA, entre o século XIX e 1960, com foco na feira livre como elemento central da urbanização e espaço de trocas culturais e sociais.

O relato oficial atribui a origem do município a Apolinário Libório Gomes, que teria “descoberto” a região no fim do século XIX, atraído pela abundância de água e terras férteis. A localidade evoluiu de fazenda a vila ligada a Jequié até a emancipação em 1960. Contudo, essa narrativa contém lacunas que podem ser preenchidas pela memória popular, possibilitando uma “história vista de baixo” para E. P. Thompson, valorizando experiências de sujeitos invisibilizados.

Diante disso, segundo Aroldo de Azevedo (1957), povoados organizados em torno de comércio, ruas e feiras tendiam a se expandir até se tornarem cidades. Assim, a Primeira Feira Livre de Itagi pode ser vista como o motor do crescimento urbano, dentro de um processo de desenvolvimento orgânico, à maneira do “organicismo” desenvolvido ao longo das obras de Sérgio Buarque de Holanda. O estudo propõe, portanto, analisar a feira como patrimônio imaterial, espaço de memórias, saberes e identidades, valorizando os “homens-memória” de Pierre Nora (2012) e oferecendo às novas gerações uma narrativa plural e próxima de sua verdadeira identidade social.

MATERIAIS E MÉTODOS

Utilizaremos a História Oral enquanto metodologia, segundo proposto por Marieta Ferreira e Janaína Amado, em "Usos e abusos da história oral" (2006), para a realização deste trabalho, com a finalidade de acessar as fontes orais disponíveis. E ao utilizarmos tal método, reforçamos as reflexões de Etienne François (1987), presente no capítulo um da obra, apresentando-a como resultante da incorporação de elementos desenvolvidos na chamada "Nova História" que traz para a cena novos objetos, as histórias do cotidiano e da vida privada, e a história local, mediante a perspectiva analítica de "micro-história".

De forma mais específica, é enfatizado que durante a virada dos anos 70 para 80 que se deu o resgate das experiências individuais impulsionadora da história cultural. Diante disso, os depoimentos, relatos pessoais foram revalorizados. Segundo Voldman (1994), para que essas mensagens ditas pela testemunha fossem captadas, e para que fosse possível utilizá-la como prova, fazia-se uso de gravadores, e é por isso que captaremos os relatos através de gravadores de smartphones.

Em relação às testemunhas, elas serão selecionadas dentre os sujeitos idosos de Itagi-BA, e outros que trabalharam na feira durante o período analisado. As fontes orais, serão examinadas inicialmente hermeneuticamente, e serão entendidas como o principal meio para a reconstrução da experiência humana da formação itagienses devido à escassez de fontes escritas. Em seguida, analiticamente, contrastaremos os relatos com as características do organicismo, conceito expresso pelos estudos de Sergio Buarque de Holanda, e com o conceito de patrimônio intangível, a fim de checar aproximações entre o que a feira significa para eles e para a história da cidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de relatos dos avós da autora e de outros itagienses, percebe-se que os primeiros habitantes da região viviam em povoados e sítios rurais, cultivando alimentos como mandioca, feijão, milho, café e cacau, e suprimo parcialmente suas necessidades por meio de trocas locais. As dificuldades de deslocamento a núcleos urbanos mais distantes, como Jequié, motivaram a criação da feira livre em Itagi, inicialmente instalada em um pequeno barracão na atual Rua da Câmara de Vereadores, onde os próprios agricultores comercializavam seus produtos aos sábados. Devido, aos investimentos de fazendeiros locais, e ao crescimento da feira, é que a vila de Itagi cresceu, econômica e urbanamente, até a emancipação.

Além da função econômica, a feira desempenhou papel social e educativo: constituiu espaço de trocas afetivas, aprendizado, inserção profissional e empreendedorismo, sendo o berço de futuras lojas e supermercados. Para os

entrevistados, é lugar de reencontros, fortalecimento de vínculos familiares, dinamização do comércio local e de momentos de lazer, consolidando-se como um espaço de memória coletiva e experiências compartilhadas.

Assim, o surgimento de Itagi ocorreu de forma organicista, resultante das ações autênticas das forças sociais dos povoados, conforme concepções de Holanda (Eugênio, 2010) e observações de Azevedo (1957). A feira livre compreendida como núcleo central desse processo, extrapola a função comercial, incorporando dimensões educativas, sociais e culturais, caracterizando-se como patrimônio imaterial. Diante disso, levando em conta a relevância para a memória e identidade local, propõe-se sua inclusão no rol de patrimônios imateriais do Brasil, conforme o decreto 3.551/2000, garantindo sua preservação e valorização para gerações futuras.

CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES

O estudo da formação de organicista de Itagi evidenciou tanto o protagonismo popular, quanto a feira livre como elemento central à constituição da cidade. Constatou-se que sua origem esteve associada, sobretudo, ao protagonismo das camadas populares, que, ao buscarem suprir necessidades básicas de subsistência, contribuíram de forma natural para a expansão da vila e, posteriormente, para sua emancipação enquanto cidade.

Além disso, é possível reconhecer na feira livre um importante componente que conferiu a Itagi os contornos que hoje se notam no seu cotidiano e que vai além de um ambiente de trocas comerciais. A feira consolidou-se como um locus cultural e social, dotado de uma dinâmica própria que a caracteriza como patrimônio imaterial. Enquanto bem cultural intangível, a feira preserva práticas, memórias e significados que compõem a identidade itagiense.

Ademais, verificou-se que esse espaço desempenhou funções múltiplas ao longo do tempo: constituiu-se como lugar de sociabilidade, de aprendizagem para trabalhadores analfabetos e de realização de eventos significativos, além de mobilizar a cidade em sua preparação e execução. Dessa forma, conclui-se que a feira livre marcou decisivamente a trajetória histórica de Itagi e permanece, na atualidade, como um ambiente em que passado e presente coexistem, reafirmando-se como referência de identidade e cultura local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e Patrimônio: Ensaio contemporâneos**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003.

CAIMI, Flávia Eloisa. **Meu lugar na história: de onde eu vejo o mundo?** In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. (Coord.). História: ensino fundamental. Coleção explorando o ensino, vol. 21. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 59-82.

DE AZEVEDO, Aroldo. **Embriões de cidades brasileiras**. Boletim Paulista de Geografia, [S. l.], n. 25, p. 31–69, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1291>. Acesso em: 24 jun. 2025.

EUGÊNIO, João Kennedy. **Um ritmo espontâneo: o organicismo em raízes do Brasil e caminhos e fronteiras de Sérgio Buarque de Holanda**. Orientador: Ronaldo Vainfas. 2010. 479 f. Tese (Doutorado em História social) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2.ª ed. São Paulo: Vértice, 1990.

NORA, Pierre; AUN KHOURY, T. Y. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 03 abr. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAGI. **Conheça a História de Itagi**. Disponível em: <https://www.itagi.ba.gov.br/pagina/id/2/?historia-do-municipio.html>. Acesso em: 24 jun. 2025.